

Entrevista com Todd Presner

Interview with Todd Presner

Por/By Daniel Melo Ribeiro¹

Resumo: Todd Presner é professor de línguas germânicas, literatura comparada e estudos judaicos na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Presner é professor decano de Inovação Digital na área de Humanidades e também é o coordenador do programa de Digital Humanities da UCLA. Sua pesquisa enfoca a história intelectual europeia, a história da mídia, a cultura visual, as humanidades digitais e a geografia cultural. Ele é o co-autor de *HyperCities: thick mapping in the digital humanities* (Harvard University Press, 2014) e co-autor do livro, *Urban Humanities: new practices for reimagining the city* (MIT Press, 2020, no prelo). Entre 2005 e 2015, Presner foi diretor do projeto *HyperCities*, uma plataforma colaborativa de mapeamento digital que explora as histórias em camadas dos espaços da cidade. Premiado como “mídia digital e aprendizado” pela MacArthur Foundation/HASTAC em 2008, o *HyperCities* foi projetado para ser um ambiente interativo de pesquisa e ensino na web para criar e analisar a história cultural, arquitetônica e urbana das cidades. O conceito original do projeto *HyperCities* derivou os programas acadêmicos de *Urban and Digital Humanities* da UCLA. O professor Presner foi entrevistado pelo pesquisador Daniel Melo Ribeiro, editor convidado desta edição da revista TECCOGS.

Abstract: Todd Presner is Ross Professor of Germanic Languages, Comparative Literature, and Jewish Studies at the University of California Los Angeles (UCLA). He is Associate Dean of Digital Innovation in the Division of the Humanities and is also the Chair of the Digital Humanities Program at UCLA. His research focuses on European intellectual history, the history of media, visual culture, digital humanities, and cultural geography. He is the co-author of *HyperCities: Thick Mapping in the Digital Humanities* (Harvard University Press, 2014) and the forthcoming co-authored book, *Urban Humanities: New Practices for Reimagining the City* (MIT Press, 2020). From 2005–2015, Presner was director of *HyperCities*, a collaborative, digital mapping platform that explores the layered histories of city spaces. Awarded one of the first “digital media and learning” prizes by the MacArthur Foundation/HASTAC in 2008, *HyperCities* was designed to be an interactive, web-based research and teaching environment for authoring and analyzing the cultural, architectural, and urban history of cities. Although the original site is no longer live, the *HyperCities* concept lives on in the Urban and Digital Humanities programs at UCLA.

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.
CV Lattes: lattes.cnpq.br/9470019908330315. E-mail: danielmeloribeiro@gmail.com.

D.M.R.: *Para iniciar nossa discussão, proponho uma pergunta aparentemente simples: para você, o que é um mapa?*

T.P.: Um mapa é uma apresentação gráfica de um conjunto de relações. Eu digo isso porque não acho que um mapa tenha que ser representacional. Não precisa referir-se a algo fora de si mesmo, como um referente a um mundo real ou a um mundo físico. Eu também digo que é um artefato gráfico, por definição, o que significa que é visual. Um mapa pode conter elementos textuais, mas não necessariamente. Certamente, um mapa se baseia em uma simbologia e uma iconografia. E eu acredito que algo fundamental é o fato de que os objetos que são representados estão em relação uns com os outros. Então, a relação é uma parte fundamental de qualquer mapa.

D.M.R.: *Pesquisas recentes que tratam do mapeamento profundo (BODENHAMER et al., 2015) – ou mapeamento espesso, como você prefere – ressaltam a necessidade de alcançar aspectos mais qualitativos de nossa experiência com lugares, como memórias e emoções. Considerando que o mapa é frequentemente tratado como um instrumento racional e objetivo de esquematização do espaço, como podemos traduzir essas experiências (subjetivas e particulares) em um mapa?*

T.P.: Eu privilegio o termo “mapeamento espesso” ao termo “mapeamento profundo” por acreditar que o primeiro termo evidencia os processos convergentes, interconectados e intermináveis da hermenêutica, bem como a possibilidade de

D.M.R.: *To start our discussion, I propose an apparently simple question: for you, what is a map?*

T.P.: A map is a graphical presentation of a set of relations. I say that because I don't think a map has to be representational. It doesn't have to reference something outside of itself as in a referent to a real world or a physical world. I also say that it's, by definition, graphical, which means that it's visual. Surely, it may have textual elements, but it doesn't necessarily have to. It certainly relies on symbology and iconography. And I do believe that something fundamental to a map is the fact that the objects that are depicted are in relationship to one another, so relationality is a key part of any map.

D.M.R.: *Recent research that deals with deep mapping (BODENHAMER et al., 2015) – or thick mapping, as you prefer – underscores the need to achieve more qualitative aspects of our experience with places, such as memory and emotions. Considering that the map is often treated as a rational and objective instrument of schematization of space, how could we translate these experiences (subjective and particular) into a map?*

T.P.: I privilege the term ‘thick mapping’ over ‘deep mapping’ for reasons that I think the former term foregrounds the layered, intersecting, and endless processes of hermeneutics and the possibility of new interpretations. Thicknesses is to be un-

novas interpretações. A espessura deve ser entendida no sentido de múltiplas camadas, múltiplas mídias, múltiplas temporalidades, múltiplas dimensionalidades e múltiplos tipos de autoria. Todas essas características falam de um processo que complexifica o empreendimento interpretativo. Modelos de profundidade, às vezes, são problemáticos para mim, porque acabam buscando ou apontando para um modelo da “verdade”. Esse modelo significa que, se cavarmos mais fundo, chegaremos a algum tipo de núcleo da verdade. A espessura se coloca contra isso. A espessura visa proliferar o significado e nunca chega a algum tipo de resultado final.

Mas a sua pergunta é sobre como nós traduzimos – e eu acho que essa é a palavra certa – aspectos qualitativos nos mapas, especialmente quando as ferramentas de mapeamento são frequentemente projetadas em um modelo ou uma estrutura lógica objetiva, uma espécie de estrutura cartesiana, dizendo de maneira breve. Acredito que precisamos, justamente neste ponto, considerar o mapeamento como uma prática científica e artística. Realmente, é nas práticas artísticas que vemos algumas formas muito estimulantes de os mapas e o mapeamento causarem estranhamento, e assim problematizar algumas das suposições que são construídas nas formas tradicionais de conceber o mapeamento – isto é, visões de “olho de pássaro”, perspectivas cartesianas, afirmações baseadas em dados e assim por diante. Em contraste, pense, por exemplo, nos atlas de mapas que Rebecca Solnit criou (SOLNIT, 2010; SOLNIT; SNEDEKER, 2013; SOLNIT;

derstood in this sense of multiple layers, multiple media, multiple temporalities, multiple dimensionalities, and multiple kinds of authorship. All these things speak to a process that complexifies the interpretative enterprise. Models of depth are sometimes problematic for me because they end up seeking or pointing towards a truth model. That is to say, if we only dig deeper we’ll get to some kind of kernel of truth. Thickness is arrayed against that. Thickness aims to proliferate meaning and never arrives at some kind of a final outcome.

But your question is really about how we translate – and I think that’s the right word – or carry across qualitative aspects onto to maps, especially when the tools of mapping are often invested in a objectivist or a logical framework, a kind of a Cartesian framework, we might say for short. And I think it’s here that we have to see mapping as both a practice of science and an art. It is really in artistic practices that we see some very exciting ways of defamiliarizing maps and mapping, and thus problematizing some of the assumptions that are built into traditional ways of conceiving of mapping – that is, birds-eye viewpoints, singular, Cartesian perspectives, data-driven claims to objectivity, and so forth. By contrast, think of the atlases of maps that Rebecca Solnit (SOLNIT, 2010; SOLNIT; SNEDEKER, 2013; SOLNIT; JELLY-SCHAPIRO, 2016), for example, has created, or Maya Lin’s recent topographical maps (HARMON, 2009, p. 252), which are

JELLY-SCHAPIRO, 2016), ou nos recentes mapas topográficos de Maya Lin (HARMON, 2009, p. 252), mais próximos de esculturas, que questionam paisagens, ao mesmo tempo em que criticam suposições incorporadas à modelagem da topografia e da temporalidade. Penso também no trabalho de Pedro Lasch (HARMON, 2009, p. 64), um artista cujos mapas estão profundamente ligados à dimensão experiencial da migração humana. Seus mapas – em uma escala que contém todas as Américas – não são “dispositivos de orientação”, mas sim objetos imbuídos de memórias silenciosas. Eles são carregados nos bolsos dos imigrantes durante sua travessia através da fronteira do México para os EUA. Assim, esses mapas atestam uma jornada e são impressos com a fisicalidade do movimento. Os mapas têm vincos, eles têm suor, eles têm sujeira. Os mapas testemunham uma jornada. Eles são, em muitos aspectos, um relato de uma experiência. E, nesse sentido, eles se tornam testemunhas da precariedade dessa jornada. Para mim, essas são maneiras pelas quais a arte nos ajuda a integrar as dimensões emotiva, qualitativa e experiencial na maneira como pensamos sobre os mapas e o mapeamento. É por isso que, para responder a essa pergunta, eu procuraria pelas práticas artísticas e pela arte contemporânea.

closer to sculptures that interrogate landscapes while interrogating assumptions built into how we model topography and temporality. I also think of Pedro Lasch’s work (HARMON, 2009, p. 64), an artist whose maps are deeply connected to the experiential dimension of human migration. His maps – at the scale of the Americas – are not “wayfinding devices,” but rather objects imbued with silent memories. They are carried in immigrants’ pockets while they migrate across the border from Mexico to the U.S, and thus they bear witness to a journey and are imprinted with the physicality of movement. The maps have creases, they have sweat, they have dirt. The maps bear witness to a journey. They are, in many ways, a testament to an experience. And, in this sense, they become witnesses of the precarity of that journey. To me, those are ways in which art helps us to integrate the emotive, the qualitative, and the experiential dimensions into how we think about mapping and mapmaking. And that’s why I would look to art and contemporary art practices in order to answer this question.

D.M.R.: *Como você mencionou em HyperCities (PRESNER et al., 2014), a ênfase nas tecnologias GIS (Sistemas de Informações Geográficas) para permitir o mapeamento espesso divide opiniões. Por um lado, a abordagem quantitativa é frequentemente criticada por seu caráter “positivista”, ignorando as discussões sobre as distorções provocadas pelos algoritmos. Por outro lado, a ênfase em aspectos mais qualitativos ou artísticos é criticada por não empregar efetivamente métodos objetivos de análise de dados espaciais. Portanto, o mapeamento espesso é precisamente a tentativa de alcançar uma abordagem mista?*

T.P.: Trata-se da possibilidade de reunir metodologias quantitativas e qualitativas para pensar novas abordagens de mapeamento e de análise espacial. Muitas vezes, como você indicou corretamente, as abordagens quantitativas tendem a ser descartadas pelos humanistas como empiristas ou positivistas, o que eu acho problemático e muitas vezes excessivamente arrogante. Ao mesmo tempo, abordagens qualitativas tendem a ser descartadas, muitas vezes por cientistas sociais, como simplesmente carentes de dados. E ambas as posições são problemáticas. Minha ideia em torno do mapeamento espesso é reunir dados e narrativas, reunir leituras próximas e distantes, reunir análises micro e macro, reunir análises quantitativas e qualitativas. A ideia não é, de forma alguma, separar metodologias ou reivindicar a superioridade de uma ou de outra. Na verdade, isso exemplifica uma abordagem das ciências humanas digitais e das ciências humanísticas da informação de forma mais ampla. Sou totalmente a favor de metodologias mistas em todos os passos.

D.M.R.: *As you mention in HyperCities (PRESNER et. al, 2014), the emphasis on GIS technologies for enabling thick mapping divides opinions. On one hand, the quantitative approach is often criticized for its “positivist” character, ignoring discussions about bias of algorithms. On the other hand, the emphasis on more qualitative or artistic aspects is criticized for not effectively employing objective methods of spatial data analysis. Therefore, is thick mapping precisely the attempt to achieve a mixed approach?*

T.P.: It is all about the possibility of bringing quantitative and qualitative methodologies together in order to think about new approaches to mapping and spatial analysis. Oftentimes, as you rightly indicate, quantitative approaches tend to be dismissed by humanists as empiricist or positivistic, which I think is problematic and often too cavalier. At the same time, qualitative approaches tend to be dismissed, often by social scientists, as simply lacking in data. And both of these dismissals are problematic. My idea around thick mapping is bringing data and narratives together, of bringing close and distant readings together, of bringing micro and macro analyses together, of bringing quantitative and qualitative analyses together. The idea is not, in any way, to separate out methodologies or claim one as superior. In fact, I think this really bespeaks an approach of the digital humanities and humanistic information sciences more broadly. I’m all in favor of mixed methodologies at every step.

D.M.R.: Nas suas publicações, fica claro a sua intenção de combinar dimensões históricas e espaciais. Nesse sentido, você propõe “uma prática da história que seja espacial, uma forma de entender eventos e encontros culturais, traçando-os em mapas” (PRESNER, 2009, p. 304). Como poderíamos explorar aspectos culturais e históricos de lugares através de mapas? Poderíamos alcançar a espessura de lugares através das camadas de conteúdo exploradas em um sistema de navegação multimídia baseado em mapas?

T.P.: Essa ideia remonta à minha formação em estudos germânicos e ao tempo que passei em Berlim em meados da década de 1990 e início dos anos 2000. Nessa época, eu desenvolvia um conceito de história ou uma abordagem da história que, por definição, era espacial. Se pensarmos no termo alemão *Geschichte*, que significa “história”, ele não se refere apenas a eventos, como em coisas que ocorreram ou aconteceram, mas tem uma dimensão espacial incorporada à palavra, ou seja, o conceito de uma camada, ou uma *Schicht* em alemão. Reinhart Koselleck, um filósofo da história, falou sobre *Zeitschichten*, ou camadas temporais, tratando os estudos históricos como sondagens e descrições de sedimentos do tempo, por assim dizer. E, a esse respeito, você tem uma espécie de abordagem arqueológica dos processos históricos e da maneira como abordamos a própria narrativa¹, porque *Geschichte* também pode significar a interpretação narrativa desses eventos ou ocorrências nos lugares onde e quando eles aconteceram.

¹ Sobre o método arqueológico, cf. Santaella (2016), e Santaella e Ribeiro (2017).

D.M.R.: In your publications, it is clear the intention is to combine the historical and spatial dimensions. In this sense, you propose “a practice of history that was spatial, a way of understanding events and cultural encounters by plotting them onto maps” (PRESNER, 2009, p. 304). How could we explore cultural and historical aspects of places through maps? Could we reach the thickness of places through the layers of content explored in a map-based multimedia navigation system?

T.P.: This idea goes back to my training in German studies and the time I spent in Berlin in the mid 1990s and early 2000s, where I was developing a concept of history or an approach to history that was, by definition, spatial. If we think about the German term ‘Geschichte’, which means ‘history,’ it not only refers to events, as in things that occurred or happened, but has a spatial dimension built into the word, namely the concept of a layer, or a ‘Schicht’ in German. Reinhart Koselleck, a philosopher of history, talked about ‘Zeitschichten’, or time-layers, which treated historical studies as probing and describing sediments of time, so to speak. And, in this regard, you have a kind of an archaeological approach¹ to historical processes and the way we approach narrative itself, because ‘Geschichte’ can also mean the narrative rendition of those events or occurrences in the places where and when they happened.

¹ cf. Santaella (2016), Santaella and Ribeiro (2017).

E assim, em um nível histórico conceitual, essas coisas já estão entrelaçadas, espacial e temporalmente.

Quando escrevi meu primeiro livro, *Mobile Modernity* (PRESNER, 2007), sobre encontros entre alemães e judeus na modernidade, imaginei o livro como um mapa. Pensei no sumário organizado por lugares, e pensei na história do sistema ferroviário, particularmente a partir da perspectiva das ruínas dessa ferrovia, como a força conceitual do livro. Isso foi, de certa forma, semelhante a como Walter Benjamin pensava sobre as passagens em ruínas como o *leitmotiv* dos sonhos do século XIX, alguns realizados e outros não (BENJAMIN, 2009). À medida que continuo a pensar sobre a historicidade e as práticas da história que são espaciais, reconheço quanto o tempo (especialmente a cronologia, ou pelo menos as abordagens diacrônicas da história) foi privilegiado por meio da atenção às continuidades, durações, períodos, eras e assim por diante. Mas a dimensão espacial muitas vezes desaparece. Eu nunca quis eliminar a especificidade do espaço, ou seja, as dimensões corpóreas de narrativas e eventos históricos baseados nos lugares. Eu sempre, em todo o meu trabalho, lutei contra isso. A corporificação importa, a corporificação no tempo e no lugar importa. E isso para mim é a base de qualquer tipo de prática da história.

Mas, podemos alcançar a espessura de lugares em um sistema de navegação baseado em mapas? Eu não acho que chegamos a esse ponto. Porque, novamente, a ideia de espessura sempre se prolifera

And so, at a conceptual historical level, these things are already interwoven, spatially and temporally.

When I wrote my first book, *Mobile Modernity* (PRESNER, 2007), which is about German-Jewish encounters in modernity, I imagined the book as a map. I thought of the table of contents as organized by places, and thought about the history of the railway, particularly from the perspective of the ruins of the railway, as the driving conceptual force of the book. This was in certain ways similar to how Walter Benjamin thought about ruined arcades as the *leitmotiv* for the dreams of the nineteenth century, some realized and others not (BENJAMIN, 2009). As I continue to think about historicity and practices of history that are spatial, I recognize how much time, especially chronology or at least diachronic approaches to history, has been privileged through attention to continuities, durations, periods, eras, and so forth. But the spatial dimension often goes missing. I never wanted to evacuate the specificity of the spatial, namely the place-based and embodied dimensions of historical events and historical narratives. I've always, in all of my work, fought against that. Embodiment matters, embodiment in time and place matters. And, this to me is the basis of any kind of practice of history.

Now, can we ever achieve the thickness of places on a map-based navigational system? I don't think that we ever reach that point. Because, again, the idea of thickness always proliferates more meanings,

em mais significados, mais possibilidades. Nós nunca terminamos, nunca chegamos. Eu cito a idéia de interpretação de Clifford Geertz no livro *HyperCities* – a idéia de que há “tartarugas por todo o caminho (*turtles all the way down*)”, que é parte de uma bela história: nunca chegaremos lá, mas você está sempre abrindo possibilidades para investigar mais, com mais narratividade, mais arquivamento, mais histórias a contar, mais mapeamento. E isso me parecer, justamente, a base de um bom mapa. Para ser honesto, um bom mapa abre questões e novas possibilidades, em vez de apresentar resultados finais.

D.M.R.: *Em um artigo chamado “Mapping deeply”, Denis Wood afirma que “o mapeamento profundo é uma prática que muitas vezes oferece muito menos do que promete, especialmente mapas” (WOOD, 2015, p. 304). Neste artigo, Wood critica que o mapeamento não é apenas “colocar alguns dados em um programa de mapeamento de computadores”, mas sim “ir a campo” (ibid., p. 304). A abordagem crítica de Wood ao mapeamento profundo reforça que a criação de uma narrativa cartográfica não ocorre em laboratório: o envolvimento pessoal do cartógrafo com o local é fundamental para levantar novas questões e explorar novos pontos de vista. Como você vê a crítica de Denis Wood ao mapeamento profundo?*

T.P.: Eu concordo totalmente com a crítica de Denis Wood. De fato, permanecer em um laboratório ou em um escritório atrás de sua mesa só produzirá um tipo de mapeamento que é fundamentalmente

more possibilities. We are never done, we never arrive. I cite Clifford Geertz’s idea of interpretation in the *HyperCities* book – the idea that it’s ‘turtles all the way down’, which is part of a beautiful story in which we never finally get there, but rather you are opening up possibilities for further investigation, further narrativity, further archiving, further storytelling, further mapping. And that seems to me to be the basis of a good map. To be honest, a good map opens up questions and new possibilities rather than presents final results.

D.M.R.: *In a paper called “Mapping deeply”, Denis Wood states that “deep mapping is a practice that often delivers far less than it promises, especially maps” (WOOD, 2015, p. 304). In this article, Wood criticizes that mapping is not just about “dropping some data into a computer mapping program”, but rather “going out into the field” (ibid., p. 304). Wood’s critical approach to deep mapping reinforces that the creation of a cartographic narrative does not occur in a laboratory: the personal involvement of the cartographer with the place is fundamental to raise new questions and explore new points of view. How do you see Denis Wood critique towards deep mapping?*

T.P.: I completely agree with Denis Wood’s critique. In fact, remaining in a laboratory or in one’s office behind one’s desk is only going to produce a kind of mapping that’s fundamentally very limited and

muito limitado e bastante restrito em sua perspectiva. A maior parte do mapeamento espesso que faço hoje faz parte de um programa que temos na UCLA chamado *Urban Humanities*², que reúne métodos digitais e práticas urbanas. Temos parcerias com membros da comunidade e organizações comunitárias; estamos sempre fazendo trabalho de campo, e é sempre sobre o envolvimento do cartógrafo com pessoas e lugares fora do “laboratório”. Isso significa que o mapeamento também é extraordinariamente colaborativo; é provisório e texturizado, no sentido de que está conectado a lugares e, por definição, experiencial. O mapeamento digital limitado à tela do computador e o escritório não é um mapeamento profundo e certamente não é um mapeamento espesso no sentido que descrevi anteriormente. A abordagem que defendo para o mapeamento espesso é aquela que está sempre realizando um trabalho de campo; é sempre colaborativo e, em muitos aspectos, sempre provisório, devido ao envolvimento de muitos participantes diferentes. Isso também resulta em abandonar a ideia do cartógrafo solitário para, ao invés disso, multiplicar vozes, multiplicar perspectivas, multiplicar experiências, todas as coisas que considero críticas para o mapeamento espesso.

quite limiting in its perspective. Most of the thick mapping that I do nowadays is part of a program that we have at UCLA called ‘Urban Humanities’², which brings digital methods together with urban practices. We have partnerships with members of the community and community organizations; we are always doing fieldwork, and it’s always about the involvement of the cartographer with people and places outside of the ‘laboratory.’ This means that mapping is also extraordinarily collaborative; it’s provisional, and it’s textured, in the sense that it’s connected with places, and, by definition, experiential. Digital mapping limited to the computer’s screen and the office is not deep mapping and certainly not thick mapping in the sense I described previously. The approach that I advocate for thick mapping is one that’s always in the field; it’s always collaborative, and in many ways always provisional, because of the involvement of many different stakeholders. This also has the result of unmooring the singular cartographer and, instead, multiplying voices, multiplying perspectives, multiplying experiences, all things that I think are critical for thick mapping.

2 Disponível em: urbanhumanities.ucla.edu.
Acesso em: 12 mai. 2019.

2 Available at: urbanhumanities.ucla.edu.
Accessed: 12 mai. 2019.

D.M.R.: *Sua pesquisa está significativamente atrelada à metodologia crítica de Walter Benjamin. Um dos trabalhos de Benjamin, frequentemente associado aos estudos sobre o mapeamento urbano, refere-se à figura do flâneur: o despretenso pedestre que, vagando pelas redondezas, observa e coleciona signos da cidade (BENJAMIN, 2015). Este exercício torna-se, por fim, uma forma de mapeamento, redescoberta alguns anos mais tarde por outros movimentos artísticos, como o situationismo e a land art. No entanto, as cidades contemporâneas – especialmente as grandes cidades de hoje, como a Cidade do México, Xangai, Mumbai e São Paulo – tornaram-se muito mais complexas do que Paris no século XIX. Nesse sentido, o flâneur se tornou uma metáfora obsoleta para nossa realidade atual? Como podemos conceber o flâneur de nossos dias?*

T.P.: Essa é uma ótima pergunta, e realmente levanta a questão da aplicabilidade de Benjamin hoje, tendo em vista as novas megacidades que surgiram nos últimos 20 ou 30 anos. De fato, cidades com mais de 20 ou 25 milhões de pessoas estão em uma escala completamente diferente da Paris do século XIX, onde Benjamin detectou a origem do *flâneur*. Quase sempre codificado como um dândi masculino, o *flâneur* era frequentemente descrito como um homem de lazer andando pela rua, absorvendo a agitação da cidade que se industrializava rapidamente. Essa imagem talvez tenha se tornado um pouco peculiar e datada atualmente. Mas há uma série de observações em relação ao *flâneur* que se aplicam hoje e ainda são realmente inte-

D.M.R.: *Your research owes a significant debt to Walter Benjamin's critical methodology. One of Benjamin's work that is often associated with studies on urban mapping refers to the figure of the flâneur: the unpretentious pedestrian who, wandering around the neighborhood, observes and collects signs of the city (BENJAMIN, 2015). This exercise eventually becomes a form of mapping, which was even rediscovered a few years later by other artistic movements, such as the Situationism and the Land Art. However, contemporary cities – especially today's huge cities such as Mexico City, Shanghai, Mumbai and Sao Paulo – have become much more complex than Paris in the nineteenth century. In this sense, was the flâneur an obsolete metaphor for our current reality? How can we conceive the flâneur of our days?*

T.P.: This is a great question, and really raises the question of the applicability of Benjamin today to the new megacities that have emerged in the last 20 or 30 years. Indeed, cities with over 20 or 25 million people are on a scale that was completely different from the Paris of the 19th century where Benjamin would declare the type of the *flâneur* originated. Almost always coded as a male dandy, the *flâneur* was often depicted as a man of leisure walking along the street, taking in the hustle and bustle of the rapidly industrialized city. This image is perhaps a bit quaint and dated today. But there are a number of observations with regard to the *flâneur* that do apply today and are really still quite interesting to think about. One is the no-

ressantes de se pensar. Uma é a noção do *flâneur*, como Benjamin diz, “conduzido pela rua em um tempo que desapareceu”, essencialmente sendo levado para dentro enquanto caminha pela rua. E, nesse processo, ele também está alienado da historicidade em que se encontra. A rua é uma espécie de labirinto, um labirinto para o passado, nesse sentido. E essa noção de pensar no *flâneur* e na historicidade através da rua como um motivo, uma espécie de transporte para o passado, ainda é algo que bastante aplicável às megacidades do mundo contemporâneo. De que forma ainda estamos lutando com a historicidade em qualquer esquina de uma cidade como Tóquio, que foi bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial, ou uma cidade como Xangai, que essencialmente se reconstruiu várias vezes ao longo do século xx, com camadas do passado colonial, da guerra, da revolução cultural e do capitalismo global contemporâneo?

Na verdade, estamos lidando, agora, com escala, redes, telecomunicações, multimídia, instantaneidade e vigilância em uma escala que Benjamin provavelmente nunca teria imaginado. Mas isso não significa que não estamos também lidando com a historicidade. Isso não significa que ainda não estamos lidando com a rua como uma possibilidade de nos conduzir a uma profundidade no tempo. Pode ser que também tenhamos que pensar de outra forma, que pode ser horizontal e vertical ao mesmo tempo. E isso significaria pensar em redes, na rua como um “buraco de minhoca” (*wormhole*) em vez de um caminho para dentro. Vemos isso em uma

tion of the *flâneur*, as Benjamin famously says, is ‘conducted by the street into a vanished time,’ that he is essentially conducted downward as he walks along the street. And, in this process, he is also alienated from the historicity that he or she encounters. The street is a kind of labyrinth, a labyrinth to the past, in this sense. And this notion of thinking about the *flâneur* and historicity through the street as that motive, a kind of transport into the past, is still something that applies very much to the megacities of the contemporary world. In what ways are we still wrestling with historicity on almost any street corner in a city such as Tokyo that was fire-bombed during World War II or a city such as Shanghai that has essentially rebuilt itself over and over again throughout the twentieth century, with layers of the colonial past, the War, the Culture Revolution, and contemporary global capitalism?

To be sure, we are now dealing with scale, networks, telecommunications, multimedia, instantaneity, and surveillance on a scale that Benjamin probably could never have quite fathomed. But that doesn’t mean that we are not dealing with historicity too, that doesn’t mean that we are not still dealing with the street as a possibility of conducting one downward in time. It might be that we also have to think in another way, which may be both horizontally and vertically at the same time. And that would mean thinking about networks, almost the street as a wormhole rather than a way downward. You see this in a city like Shanghai, which I’ve just come back from,

cidade como Xangai, da qual eu acabei de voltar, onde tudo está interconectado: vigilância, câmeras, metrô, ruas e o capitalismo globalizado. É uma cidade com uma rede de inteligência artificial maciça, que é, naturalmente, um tipo de tecnologia muito diferente dos bondes ou ônibus de que Benjamin estava falando. Então, imagino que uma maneira de se imaginar o *flâneur* do século XXI é como parte dessa rede integrada, interconectada e em grande medida incognoscível. Mas, que ainda tem uma historicidade profunda e multifacetada.

D.M.R.: *Em Mobile Modernity, você aponta “a dialética da modernidade como geradora simultânea de possibilidades opostas: de um lado da moeda, construção, progresso e emancipação, e, do outro lado da moeda, destruição, regressão, e escravização” (PRESNER, 2007, p. 9-10). Considerando que o mapa é historicamente um dispositivo de poder (à luz de Foucault) – capaz de impor limites arbitrariamente, justificando a expansão do colonialismo ou reivindicando territórios – poderíamos pensar que o mapa seria também um desses “dispositivos” que representa o sonho fracassado da modernidade? Nas palavras de Benjamin, um mapa seria um documento da nossa civilização que também é um “documento de barbárie” (BENJAMIN, 2012)?*

T.P.: Com certeza! Como você conhece dos meus trabalhos, sou um seguidor muito próximo dos passos de Benjamin, a fim de entender nosso presente multimídia contemporâneo. Ferrovias, mapas, redes de comunicação e até mesmo nossas institui-

where everything is interconnected: surveillance, cameras, subways, streets, and global capital. This is a city as massive AI network, which is, of course, a very different kind of technology than the streetcars or omnibuses that Benjamin was talking about. And so I’m thinking that one way to imagine the 21st century *flâneur* is as part of this integrated, interconnected, and largely unknowable network. But one that still has a deep, multilayered historicity.

D.M.R.: *In Mobile Modernity, you see “the dialectic of modernity as simultaneously engendering opposing possibilities: on the one side of the coin, construction, progress, and emancipation, and, on the other side of the coin, destruction, regression, and enslavement” (PRESNER, 2007, p. 9-10). Considering that the map is historically a device of power (in Foucault’s sense) – capable of imposing boundaries arbitrarily, justifying the colonialism expansion or claiming territories – could we think that the map would also be one of those “devices” that represents the failed dream of modernity? In Benjamin’s words, would a map be a document of our civilization that is also a “document of barbarism” (BENJAMIN, 2012)?*

T.P.: Absolutely! As you know from my works, I’m a very close follower in the footsteps of Benjamin, certainly to understand our contemporary, multimedia present. Railways, maps, communication networks, and even our institutions of

ções de ensino superior são documentos ou locais de cultura e civilização, de um lado, e documentos ou locais de barbárie, violência e extirpação, de outro. Há sempre um ponto vulnerável. As possibilidades mais intrigantes sobre os mapas são as aquelas que se abrem para vozes alternativas, práticas de contramapeamento, de libertação e de revide. Podemos criticar se as ferramentas de poder – e os mapas são certamente ferramentas de poder – podem ser desconstruídas, reaproveitadas, libertadoras, abertas, mais participativas e emancipatórias? E, se não puderem, acho que estamos em um lugar muito próximo de um tipo de fascismo.

Minha abordagem de mapeamento e o tipo de pensamento que sempre tentei conduzir tentam separar esses sistemas de poder, tentar imaginar e viabilizar suas possibilidades dialéticas. E isso vem da compreensão de como as suposições e epistemologias construídas nos mapas operam, de onde vêm historicamente, como são implantadas, como são reveladas e o que significa imaginar alternativas, na verdade outras formas de conhecimento. No livro *HyperCities*, refiro-me a isso como as possibilidades para a decolonização do mapeamento. E essas são práticas que, na minha opinião, são absolutamente fundamentais se quisermos ter uma cartografia verdadeiramente crítica, uma espécie de cartografia radical, um mapeamento crítico. É o único tipo que eu poderia querer seguir.

higher learning are documents or sites of culture and civilization, on the one hand, and documents or sites of barbarism, violence, and extirpation on the other. There is always an underbelly. The possibilities that I find most intriguing about maps are the possibilities that they open up for alternative voices, for practices of counter-mapping, for liberation and for speaking back. We can ask the critical question if the tools of power – and maps are certainly tools of power – can be deconstructed, repurposed, put to ends that are liberatory, that are open ended, that are more participatory, and that are emancipatory? And, if they can't be, I think we are in a place where we are very close to a kind of fascism.

My approach to mapping and the kind of thinking that I've always tried to bring to it, tries to pry apart those systems of power, try to imagine and enable their dialectical possibilities. And that comes from understanding how the assumptions and epistemologies built into maps operate, where they come from historically, how they get deployed, how they get unveiled, and what it means to imagine alternatives, indeed other ways of knowing. In the *HyperCities* book, I refer to this as the possibilities for the decolonization of mapping. And these are practices that, to my mind, are absolutely critical if we are going to ever have a truly critical cartography, a kind of a radical cartography, a critical mapmaking. It's the only kind that I could possibly want to pursue.

D.M.R.: *Em sua publicação “Digital Humanities 2.0: A Report on Knowledge” (PRESNER, 2010), você levanta que “qualquer discussão sobre tecnologia não pode ser separada de uma discussão sobre poder, legitimidade e autoridade”. Assim, o papel das ciências humanas digitais torna-se absolutamente central para criticar como o conhecimento é produzido e distribuído sob esse novo ambiente digital, uma tarefa que se torna cada vez mais urgente em nosso contexto democrático e geopolítico. Qual é a sua opinião sobre o recente fenômeno das fake news? Como a pesquisa em humanidades digitais pode ajudar a conter o crescente descrédito das instituições tradicionais, como a mídia, a academia e as organizações políticas?*

T.P.: Isso nos traz de volta à questão da dialética novamente. Quando pensamos em qualquer nova tecnologia – digamos, as mídias sociais como *Facebook* e *Twitter* – essas tecnologias foram, em seus primórdios, aclamadas como revolucionárias porque eram vistas como democratizantes, ou seja, as massas tinham acesso a elas como plataformas abertas de expressão. Qualquer um poderia *tuitar*, qualquer um poderia usar essas tecnologias, e a barreira para o acesso era realmente muito baixa. Mas agora sabemos que essas tecnologias também são usadas simultaneamente para fins autoritários, para coletar informações sobre pessoas e suas expressões, e amplamente vigiadas para fins que estão longe de serem democráticos. Sabemos que as “fazendas de *trolls*” produzem regularmente certos tipos de discurso político nessas plataformas para promover mu-

D.M.R.: *In your “Digital Humanities 2.0: A Report on Knowledge”, you argue that “any discussion about technology cannot be separated from one about power, legitimacy, and authority” (PRESNER, 2010). Therefore, the role of the Digital Humanities becomes absolutely central to criticize how knowledge is produced and distributed under this new digital environment, a task that becomes increasingly urgent in our democratic and geopolitical context. What is your opinion on the recent fake-news phenomenon? How can research in digital humanities help contain the growing disregard of traditional institutions such as the media, academia, and political organizations?*

T.P.: This brings us back to the question of dialectics again. When we think about any new technology, let’s say social media technologies such as *Facebook* and *Twitter*, these technologies were in their early days hailed as revolutionary because they were seen to be democratizing, meaning the masses had access to them as open platforms for expression. Anybody could tweet, anybody could use these technologies, and the barrier for access was really quite low. But we now know that these technologies are also simultaneously used for authoritarian purposes, to collect information about people and their expressions, and widely surveilled for ends that are far from democratic. We know that “troll farms” regularly produce certain kinds of political speech on these platforms to effect change. And we also now know that the companies themselves

danças. E também sabemos agora que as próprias empresas dificilmente têm fins democráticos como princípios básicos; em vez disso, eles têm seus próprios resultados financeiros como prioridades.

O fenômeno das *fake news* é realmente uma função da dialética da tecnologia. É claro, as plataformas de mídia social poderiam ser usadas, ao mesmo tempo, para propósitos libertadores e para fins que visam atrair pessoas para direções diferentes, incluindo aquelas que tendem ao autoritarismo. Eu não sou uma pessoa que celebra a tecnologia de maneira acrítica, e eu não acho que alguém deveria celebrar. E certamente não acho que as ciências humanas digitais tenham a ver com a celebração de novas tecnologias. É a parte crítica das humanidades, a capacidade crítica das ciências humanas – o que significa crítica social e cultural, crítica baseada na linguagem, a capacidade de trazer nossas ferramentas interpretativas que são influenciadas pela sensibilidade à raça, gênero e sexualidade, e sistemas de poder. Precisamos perguntar como esses sistemas de poder são reinscritos em várias modalidades digitais. É por isso que precisamos das ciências humanas digitais! Se não tivermos um pensamento crítico nas ciências humanas digitais, não tenho a certeza de que teremos as ferramentas à nossa disposição para criticar algoritmos, criticar códigos, criticar plataformas, entender as premissas nas quais essas tecnologias são construídas ou operacionalizadas para outros fins, tais como o fenômeno das *fake news*.

hardly have democratic ends as their first principles; instead, they have their own financial bottom line as first principle.

The fake news phenomenon is really a function of the dialectic of technology. Of course, social media platforms could be used, at once, for liberatory purposes and for purposes that are meant to pull people in many different directions, including ones that tend toward authoritarianism. I'm not a someone who is ever going to celebrate technologies uncritically, and I don't think that anyone should. And certainly I don't think that the digital humanities is all about the celebration of new technologies. It's the critical part of the humanities, the critical capacity of the humanities – meaning social and cultural criticism, language based critique, the ability to bring our interpretative tools that are inflected by sensitivity to race, gender, and sexuality, and systems of power. We need to ask how those systems of power get reinscribed in various digital modalities. That's why we need the digital humanities! In many ways, if we don't have a critical digital humanities, I'm not sure that we have the tools sufficiently at our disposal to criticize algorithms, to criticize code, to criticize platforms, to understand the assumptions that are built into how these technologies are either operating or made operational for other ends, like the fake news phenomenon.

Então, para mim, embora eu ache que haja possibilidades de libertação, conversação e contramapeamento, também acho que precisamos de formas críticas de ciências humanas digitais que nos ajudem a entender e a responder ativamente à maneira como as novas formas de poder, as novas formas de autoridade, e até mesmo as novas formas de autoritarismo, estão se beneficiando, utilizando, reposicionando e respondendo às novas tecnologias. Este é, para mim, o papel crítico ciências humanas digitais hoje, e compreende uma parte absolutamente central do trabalho que temos que fazer no ensino superior do século XXI.

So, for me, while I do think that there are possibilities of liberation, talking back, and counter-mapping, I also think that we need critical forms of digital humanities that help us understand and actively respond to the ways new forms of power, new forms of authority, and sometimes even new forms of authoritarianism, are benefiting by, utilizing, repositioning, and responding to new technologies. This is, to me, the critical role of the digital humanities today, and it comprises an absolutely central part of the work that we have to do in 21st century higher education.

Referências | References

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BODENHAMER, David; CORRIGAN, John; HARRIS, Trevor (orgs.). *Deep maps and spatial narratives*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2015.

HARMON, Katharine. *The map as art: contemporary artists explore cartography*. New York, NY: Princeton Architectural Press, 2009.

PRESNER, Todd. *Mobile modernity: Germans, Jews, trains*. New York, NY: Columbia University Press, 2007.

_____. Remapping German-Jewish studies: Benjamin, cartography, modernity. *German Quarterly*, American Association of Teachers of German, Cherry Hill, v. 82, n. 3, p. 293-315, 2009. Disponível em: onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1756-1183.2009.00051.x. Acesso em: 23 mai. 2019.

_____. Digital Humanities 2.0: a report on knowledge. In: BAILAR, Melissa (org.). *Emerging disciplines: shaping new fields of scholarly inquiry in and beyond the Humanities*. Houston: Rice University, 2010. Disponível em: cnx.org/contents/J0K7N3xH@6/Digital-Humanities-2-0-A-Report-on-Knowledge. Acesso em: 23 mai. 2019.

PRESNER, Todd; SHEPARD, David; KAWANO, Yoh. *HyperCities: Thick mapping in the Digital Humanities*. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

SANTAELLA, Lucia. *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*. São Paulo: Paulus, 2016.

SANTAELLA, Lucia; RIBEIRO, Daniel Melo. A arqueologia benjaminiana para iluminar o presente midiático. In: MUSSE, Christina Ferraz; SILVA, Herom Vargas; NICOLAU, Marcos Antonio (orgs.). *Comunicação, mídias e temporalidades*. Brasília: EDUFBA; Compós, 2017. Disponível em: compos.org.br/ler_publicacoes.php?idPublicacao=MzU=. Acesso em: 03 ago. 2017.

SOLNIT, Rebecca. *Infinite city: a San Francisco atlas*. Oakland, CA: University of California Press, 2010.

SOLNIT, Rebecca.; SNEDEKER, Rebecca. *Unfathomable City: a New Orleans atlas*. Oakland, CA: University of California Press, 2013.

SOLNIT, Rebecca; JELLY-SCHAPIRO, Joshua. *Nonstop metropolis: a New York City atlas*. Oakland, CA: University of California Press, 2016.

WOOD, Denis. Mapping deeply. *Humanities* 4, p. 304–318, 2015.